



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15492 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 15 - Educação Especial

Uma história da educação especial no município de Marilândia-ES: memórias e narrativas (1980-1999)  
 Emilio Gabriel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### **UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE MARILÂNDIA-ES: MEMÓRIAS E NARRATIVAS (1980-1999)**

Este resumo tem por objetivo apresentar os resultados decorrentes de uma pesquisa de mestrado desenvolvida em Marilândia, interior do Espírito Santo, acerca da historicidade da educação especial no município no recorte temporal 1980-1999, como forma de salvaguardar a memória das professoras que participaram do processo em que a educação brasileira transitava da segregação para a integração do aluno com indicativo à educação especial na escola comum.

A educação especial, no Brasil, chega por meio dos ecos do que ocorria na Europa e, após, nos EUA (Mazzotta, 2011). Assim, com características segregacionistas, ela assumiu um viés laboral conduzido pela visão médico-mística, no séc. XIX, para, posteriormente, guiar-se pelo viés eugenista, em uma sociedade que adentrava à República. Tendo como marco a industrialização do governo Vargas, a psicanálise assumiu o fundamento sobre esses sujeitos (Lobo, 2008). Estas características, nos séculos XIX e XX, misturam-se, até que, em meados do século passado, surgem as instituições especializadas. Desde então, elas passaram a disputar a oferta de educação especial, por meio de leis que abriam brechas ao atendimento segregado. Com o fim da Ditadura Civil-Militar e a promulgação da Constituição Federal (1988), o debate sobre ser o lugar da educação especial a escola comum aprofunda-se e importantes momentos ocorrem: as convenções internacionais sobre educação e a criação da LDBEN, Lei nº 9.394/96. O recorte temporal da pesquisa abarcou este movimento nacional, acrescido da emancipação política de Marilândia (1980) e a municipalização das escolas (década de 1990), em contexto local. Era necessário analisar como esse movimento foi

percebido no aspecto micro.

Para tanto, a pesquisa desenvolvida teve como referencial metodológico a pesquisa narrativa, com análise qualitativa dos dados produzidos, ancorada na matriz histórico-cultural para interpretar a realidade que se colocava por meio das memórias daquelas professoras. Como referencial teórico, foram escolhidos: Bakhtin (2003, 2014), pois conceitos como dialogia, discurso, texto, enunciado, dentre outros, contribuíram tanto para a realização das entrevistas, quanto para suas análises; e Vigotski (2018, 2019, 2021), que com os conceitos de meio, estímulo, coletividade, cultura, sociedade, percepção e desenvolvimento, ajudou na análise das práticas desenvolvidas à época e na reflexão sobre a educação para o aluno com indicativo à educação especial na escola comum.

A produção dos dados foi dividida em três momentos: realização de entrevista semiestruturada, transcrição das entrevistas e divisão dos dados por categorias, de modo a facilitar a compreensão e dar sentido às narrativas. Foram entrevistadas 7 professoras e 2 profissionais que atuaram no subnúcleo de educação do município, à época. Quanto ao local, Marilândia-ES, caracteriza-se por ser um município de pequeno porte, com 12.387 habitantes (IBGE 2022), contando com 16 escolas do campo e 6 em espaço urbano, segundo dados fornecidos pelas técnicas da secretaria de educação. Assim, a pesquisa assumiu grande importância por oferecer a análise de um espaço micro, que pode servir de base para pesquisas futuras em ambientes locais.

Assim sendo, passemos aos resultados apontados na pesquisa.

Em relação às políticas públicas que impactaram a educação especial e a formação de professores para atuarem na modalidade, os sujeitos entrevistados reconheceram ter sido um período de mudanças políticas no país, mas, num contexto específico, não sentiram grandes impactos em seu fazer cotidiano, nem na formação de professores, que era inexistente, salvo pontualíssimas exceções, como no caso de uma das entrevistadas que recebeu formação para trabalhar com uma aluna com cegueira ou para a professora que trabalhava numa sala segregada. Também foi pontuada a confusão entre o público e o privado nesta parte das entrevistas, onde muitas entrevistadas apontaram a APAE do município como exemplo de atendimento educacional e formação de professores.

A segunda categoria abarcou o aluno com deficiência na escola e, aqui, poderíamos nos perguntar se não seria mais viável utilizar o termo ausência, pois estes praticamente não frequentavam a escola comum no período, uma vez que a maioria ou estava na APAE, ou tinha dificuldades com transporte ou mesmo suas famílias não viam a escola comum como seu ambiente.

As temáticas da formação, práticas e o cotidiano em sala de aula compuseram a terceira categoria. Nesta parte, é destacada a iniciativa própria das professoras quando da necessidade objetiva de proporcionar algum tipo de personalização na oferta educativa para alunos com deficiência – muitas vezes nem identificada formalmente, mas observada pelas

professoras no cotidiano, uma vez que não havia equipe multidisciplinar que oferecesse apoio pedagógico, nem formação adequada, sendo, portanto, identificadas as deficiências mais visíveis. Segundo os relatos, as práticas pedagógicas, quando apresentavam alguma adaptação ou personalização, ocorriam com base na realidade objetiva, com pouca ou nenhuma fundamentação metodológica ou teórica específica, embora, algumas delas, relatando adaptações de materiais ou de conceitos, representassem o papel do meio na prática docente (Vigotski, 2018). Tal situação demonstra a importância das professoras no processo e nas relações interpessoais (tema tratado na quarta categoria), pois quando estas abraçaram a causa da aprendizagem daqueles sujeitos, mesmo com as dificuldades, revelaram uma relação de preocupação – e até angústia – com sua escolarização, que envolvia, para além da aprendizagem, também as relações interpessoais.

A quinta categoria de análise foi a percepção das professoras sobre o passado, presente e futuro da educativa especial e inclusiva. Ali emergiram três visões: aquelas que rememoraram aqueles tempos de maneira insatisfatória e ainda veem a inclusão como um desafio quase insuperável, aquelas que pontuaram as dificuldades, mas relataram terem feito o que podiam à época, e aquelas que pontuaram satisfação com seu trabalho e veem a inclusão como algo extremamente importante e que avançará ainda mais.

Por fim, a pesquisa revelou que o contexto macro se repetia no micro, com as políticas conduzindo, à época, à transição da segregação para a integração do aluno com indicativo à educação especial na sala de aula comum, embora ainda não à inclusão, pois esta ainda se encontrava em sentido embrionário nas práticas simplórias e isoladas das professoras em seu cotidiano escolar. Ainda, a pesquisa deixa em aberto temáticas a serem analisadas, com a não presença desses sujeitos na escola comum e questões que envolviam as salas segregadas.

Palavras-chave: História. Educação Especial. Narrativas.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução: P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução: M. Lahud e Y. F. Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MAZZOTTA, M. J. da S. *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOBO, L. F. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. Tradução: P. Bezerra. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

VIGOTSKI, L. S. *Obras completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia*. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel: EDUNIOESTE, 2019.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L. S. Vigotski*. Tradução: Z. Prestes e E. Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021.